

## A IMPORTÂNCIA DA PERSPECTIVA INTERCULTURAL NA AÇÃO DOCENTE: DEPOIMENTOS DE JOVENS ALAGOANOS SOBRE SUA CONDIÇÃO JUVENIL NO ENSINO MÉDIO

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar os depoimentos de jovens-alunos de uma escola pública de ensino Médio em Maceió sobre sua relação com os professores; a influência da ação docente nas possibilidades de sucesso ou fracasso em sua trajetória escolar e pessoal; em sua diversidade de culturas e de identidades. Focaliza aspectos identificados em uma pesquisa de Mestrado realizada com jovens-alunos concluintes do Ensino Médio, do diurno e do noturno, de uma escola pública estadual, situada na periferia de Maceió, em Alagoas. Para as questões tratadas neste artigo apresentamos as análises dos resultados de dois procedimentos de pesquisa: grupos de discussão e entrevistas individuais semiestruturadas. Procuramos interpretar os pontos de vista destes jovens, registrando as representações expressas por cada um deles e relacionando com os preceitos teóricos utilizados por CARRANO (2011), DAYRELL (2007, 1996), KRAWCZYK (2003), MENEZES (2001), RAMOS DO Ó (2007), REIS (2012, 2012a) e VEIGA-NETO (2003). Identificamos que eles reivindicam ser reconhecidos, para além da condição de aluno, em sua dimensão humana em sua totalidade, como sujeitos socioculturais.

**Palavras-chave:** Juventudes. Culturas juvenis. Ensino médio

### 1 Introdução

Diversos pesquisadores concordam que a escola não acompanhou o ritmo das mudanças da sociedade, permanecendo num modelo estrutural criado no século XIX, onde há “grupos homogêneos de alunos que progridem por classes e onde existe sempre uma correlação entre a idade do aluno e o saber que lhe é fornecido” (RAMOS DO Ó, 2007, p. 110). Os sistemas de avaliação e a forma como o conteúdo é ministrado permanecem muito semelhantes aos que eram

praticados há dois séculos. Os debates acerca do tema evidenciam a necessidade de se refletir sobre as mudanças ocorridas na sociedade e o que precisa ser feito para que a escola corresponda melhor às exigências do aluno que transita entre dois mundos que muitas vezes parecem totalmente separados: a escola e fora dela.

Nesse contexto, escrevemos o presente artigo trata-se de um recorte de uma dissertação de mestrado, realizada no programa de pós-graduação em educação na UFAL. Para tanto, baseando-nos nos argumentos de jovens alunos concluintes do Ensino Médio em uma escola pública estadual do diurno e noturno, situada na periferia de Alagoas, sobre a relação que estabelecem com os professores; a influência da ação docente nas possibilidades de sucesso ou fracasso dos jovens em sua trajetória escolar, e até mesmo pessoal; em sua diversidade de culturas e de identidades. Utilizamos dois instrumentos metodológicos: grupos de discussão e entrevistas individuais.

Focalizamos depoimentos dos jovens estudantes que participaram dos grupos de discussão (WELLER, 2006) e as entrevistas semiestruturadas realizadas com alguns participantes do grupo de discussão. O grupo de discussão do turno diurno, contou com a participação de oito sujeitos; o grupo do turno noturno teve a participação de nove sujeitos no primeiro encontro e dez no segundo. O grupo diurno foi composto por jovens aparentemente muito focados em suas responsabilidades como estudantes, os participantes aparentavam muita afinidade entre si. Pôde-se observar que a maioria do grupo diurno não trabalhava; foram unânimes em relação ao interesse de ingressar na universidade e a faixa etária é menor em relação ao noturno. A maioria dos estudantes do turno noturno já trabalhava, alguns não pretendem continuar os estudos e, dos que pretendem, a maioria aponta o ensino profissionalizante como opção. Foram realizadas também entrevistas semiestruturadas com três participantes dos grupos de discussão.

Procuramos, durante todo o trabalho registrar e analisar as representações expressas por cada um dos jovens, relacionando com os preceitos teóricos

utilizados por CARRANO (2011), DAYRELL (2007, 1996), KRAWCZYK (2003), MENEZES (2001), RAMOS DO Ó (2007), REIS (2012, 2012a) e VEIGA-NETO (2003).

## 2 As juventudes e a perspectiva monocultural da instituição escolar

Concordamos com Abramo quando explica que

a juventude refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, no contexto de uma dimensão histórico-geracional, mas também à sua situação, ou seja, o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia etc. Na análise, permite - se levar em conta tanto a dimensão simbólica quanto os aspectos fáticos, materiais, históricos e políticos, nos quais a produção social da juventude se desenvolve (ABRAMO, apud DAYRELL, 2007).

Portanto, é preciso tratar de juventudes, com sua condição juvenil, seus modos de expressão, em determinados contexto histórico-culturais. Os jovens pesquisados vivenciam determinadas condições juvenis, com sua situação econômica não favorável; com as dificuldades materiais, de sobrevivência; com a falta de aparato público para o lazer, para os encontros, para viver suas juventudes em seus bairros; e sentindo os reflexos das políticas educacionais para as escolas públicas no Estado onde vivem, com falta de professores, greves, etc., dentre outros aspectos. Pode-se dizer que a experiência na escola é parte do modo como estes vivem sua condição juvenil e que há diferenças entre a condição juvenil dos jovens do diurno e do noturno. No entanto, estes jovens quando estão na instituição escolar são considerados como sujeitos que devem ser “alunos”, cujos critérios de classificação para bons alunos são homogeneizantes. Como explicam Moreira e Candau

a escola é uma instituição construída historicamente no contexto da modernidade, considerada como mediação privilegiada para desenvolver uma função social fundamental: transmitir cultura, oferecer às novas gerações o que de mais significativo culturalmente produziu a humanidade [...] numerosos estudos e pesquisas têm evidenciado como essa perspectiva termina por veicular uma visão homogênea e padronizada dos conteúdos e dos sujeitos presentes no processo educacional, assumindo uma visão monocultural da educação e, particularmente, da cultura

escolar. (MOREIRA e CANDAU, 2003, p. 23 )

Acrescenta Veiga-Neto, que a escola posiciona-se como impositora da verdades apresentadas pelas Ciências.

Ao assumir, em geral implicitamente, a possibilidade de uma linguagem autossuficiente e ideal, a epistemologia monoculturalista assume, inescapavelmente, uma postura intelectual arrogante porque única e, no limite, de conteúdo determinável e, por isso, de cunho determinista. Nesse caso, cabe à educação apenas dizer, àqueles que estão entrando no mundo, o que é mesmo este mundo e como ele funciona. É evidente o tom totalitário de qualquer pedagogia monocultural... (VEIGA-NETO, 2003, p.13)

Contrapondo-se a esta perspectiva monocultural, os jovens alunos questionam. As discussões indicam que a escola poderia tomar um caminho diferente visando uma melhor resposta às exigências da sociedade atual, e principalmente das juventudes atuais. Os docentes precisariam desprender-se da "verdade estabelecida" pelos programas escolares. "Acho que o professor deveria saber transformar-se num ator social, capaz de escutar as necessidades dos alunos, e basear todo seu trabalho na troca dessa prática da escrita na sala de aula". (RAMOS DO Ó, 2007, p.111). Atualmente as juventudes possuem peculiaridades e valorizam diversos saberes que não são legitimados pela escola como saber válido. É preciso que a escola perceba e valorize as culturas juvenis e reconheça como elas atuam fortemente nas formas de ver, de compreender a realidade e de atuar no mundo. De acordo com Jorge Ramos do Ó (2007), não se trata apenas das competências tecnológicas que os jovens trazem, mas do valor da construção identitária. "Porque esse modelo racionalista do século XIX supõe uma ideia estável e preexistente de sujeito. O que acontece hoje é que essas linguagens viabilizam jogos de identidade muitíssimo complexos". (RAMOS DO Ó, 2007, p.114) Não se pode esquecer que a identidade pessoal é uma construção inacabada, marcada por trajetórias diversas.

Torna-se importante uma pedagogia que considere a "bagagem" cultural dos sujeitos, fugindo da imposição da verdade, dando lugar à construção do conhecimento partindo da realidade que cerca o indivíduo que aprende, pois a

pedagogia multicultural deve "mostrar como o mundo é constituído nos jogos de poder/saber por aqueles que falam nele e dele, e como se pode criar outras formas de estar nele" (VEIGA-NETO, 2003, p.13).

Neste sentido consideramos importante que a educação escolar possibilite o exercício de um "multiculturalismo interativo" na perspectiva da interculturalidade, compreendida como "uma educação para o reconhecimento do outro, para o diálogo entre diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural" (CANDAU, 2008, p. 23). A proposta é possibilitar práticas educativas baseadas na negociação cultural, capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas. Esta tarefa não é fácil e requer espaços de diálogo e de reconhecimento dos diferentes modos de expressão, valores, angústias, conhecimentos valorizados entre os sujeitos docentes e jovens alunos. Nesta perspectiva a escola como espaço de cruzamentos de culturas (PEREZ GÓMEZ, 2001) precisa coletivamente se repensar, na construção conjunta de espaços de diálogo entre as culturas juvenis e aspectos da cultura escolar que possam contribuir para a ampliação da compreensão do mundo, dos outros e de si mesmos, dos jovens estudantes.

Segundo Dayrell, "alguns autores apontam que a escola tem que ser repensada para responder aos desafios que a juventude nos coloca" (DAYRELL, 2007, p.4). Ao chegar à escola, cada um é fruto de um conjunto de experiências sociais vivenciadas em diferentes espaços sociais, anteriores e paralelos à escola. Isto contribui para um dos grandes desafios do Ensino Médio, elencados pelo mesmo autor, baseado em Krawczyk (2009, p.5), que aponta importantes caminhos para a construção de um projeto político pedagógico para que as escolas de Ensino Médio correspondam às demandas da juventude. É sob essa visão que acreditamos que este trabalho pode gerar contributo, uma vez que as falas dos jovens que participaram desta pesquisa são um reflexo também de suas impressões e seus anseios sobre a experiência escolar.

Carrano & Martins defendem que "uma das mais importantes tarefas das

instituições, hoje, seria a de contribuir para que os jovens pudessem realizar escolhas conscientes sobre suas trajetórias pessoais e constituir os seus próprios acervos de valores e conhecimentos que já não mais são impostos como heranças familiares ou institucionais.” (CARRANO & MARTINS, 2011, p. 45), porém o que se observa é que a escola tem assumido uma posição oposta. De acordo com Sposito “a escola conta com mecanismos de silenciamento que promovem a invisibilidade das práticas que não se encaixam nos cotidianos escolares institucionalizados e pouco abertos para as expressividades das culturas juvenis”. (SPOSITO apud CARRANO & MARTINS, 2011, p. 45) Os jovens são pressionados a atender as expectativas da escola, enquanto suas próprias expectativas pessoais nem sempre são consideradas. Como podemos observar nos argumentos dos jovens que participaram da pesquisa que gerou este artigo.

Um dos entrevistados, Val, por ser travesti, já passou por diversas experiências negativas no ambiente escolar. Segundo ele, a maior rejeição parte dos professores. Durante a entrevista, o jovem manifesta a percepção de que há algo a ser feito:

Uma professora, umas três semanas seguidas, me chamou pelo meu nome de registro e eu já tinha pedido pra ela me chamar pelo meu nome social. [...] Então eu faria mais projetos pra ensinar os professores como trata... porque os alunos se enturmam mais fácil. Mas os professores precisam ser mais conscientizados. Porque é assim, todo mundo tem seus direitos só que, como você é considerada “normal” pra sociedade você recebe seus direitos. E eu, pra receber os meus, tenho que lutar. (Val, 24 anos, noturno)

Podemos observar a necessidade de compreender os jovens estudantes na sua diferença, enquanto indivíduo que possui uma historicidade, com visões de mundo, escalas de valores, sentimentos, emoções, desejos, projetos, com lógicas de comportamentos e hábitos que lhe são próprios (DAYRELL, 1996, p. 140). Essa outra perspectiva implica em superar a visão homogeneizante e estereotipada da noção de aluno, dando-lhe outro significado, uma vez que, como afirma Dayrell,

Os alunos podem personificar diferentes grupos sociais, ou seja,

pertencem a grupos de indivíduos que compartilham de uma mesma definição de realidade, e interpretam de forma peculiar os diferentes equipamentos simbólicos da sociedade. Assim apesar da aparência de homogeneidade, expressam a diversidade cultural: uma mesma linguagem pode expressar muitas falas. (DAYRELL, 1996, p.142)

Estes aspectos são identificados na pesquisa. Dentre os participantes do diurno percebemos aqueles que valorizam certas práticas culturais como a utilização da internet em redes sociais, os esportes, o cinema, a leitura, etc. Entre os jovens do noturno sobressaem as práticas culturais relacionadas à participação em grupos religiosos, à música, ao canto, à formação de bandas musicais, a atuação no movimento Hip-Hop.

Ao ser questionado sobre o que faz dele um “jovem”, um dos entrevistados, Arnaldo, menciona a vida escolar como uma característica da sua juventude. "O que me faz jovem ainda também é: 3º ano; terminar o ensino médio; ainda não tenho emprego... me sinto um jovem... que ainda pensa em algumas coisas que não me deixam ser adulto (Arnaldo, 20 anos, noturno). A menção desse jovem ao fato de ser estudante, como sendo algo que faz dele um jovem, chama a atenção e reforça a ideia de que a experiência escolar constitui um referencial importante para a vivência da condição juvenil. Nesse contexto, a relação com os professores toma proporções importantes na formação humana do indivíduo jovem.

Na opinião de alguns entrevistados, os jovens deveriam ouvir as pessoas com mais experiência e buscar aprender com os conselhos e os exemplos de vida dessas pessoas. "O que podia evitar muitas coisas na vida dos jovens, era parar um pouco pra ouvir. Ouvir o que um professor diz, um pai diz, uma mãe diz, uma pessoa que já passou por esse período" (Vinícius, 19 anos, noturno). Para ele, os jovens “se perdem” por ouvirem somente os outros jovens. Para Carrano & Martins (2011), determinadas atitudes por parte dos adultos reforçam os conflitos e distanciamentos Inter geracionais. Isso pode justificar o modo como os jovens reagem a essas formas de poder com certa desconfiança e descrédito. Consideramos significativo o fato de o “professor” ter sido mencionado como um modelo a ser seguido, no que concerne à experiência de vida e não somente à

transmissão de conteúdos curriculares, uma vez que, identifica-se nesta pesquisa que, a relação dos professores com os jovens pesquisados, em geral, se apresenta fria, distante, praticamente repulsiva, devido a um modelo pedagógico que tende a sufocar as formas mais humanizadas de relacionamento.

Concordamos quanto à necessidade de se repensar a postura dos professores e de toda a instituição escolar no sentido de se conceder espaço a um diálogo com os jovens estudantes, criando possibilidades de compreensão de seus questionamentos, suas crises, suas expectativas, enfim, suas identidades. Isso contribuiria para um reconhecimento, por parte dos jovens, da escola como um ambiente de pertencimento, onde os jovens podem buscar não somente os conteúdos repassados pelas matérias estudadas, mas também um suporte para fragilidades, onde os professores seriam fonte de um conhecimento de vida e para a vida. Não desconsideramos, também, que os próprios professores também precisam se sentir reconhecidos, valorizados, com espaços de diálogo sobre seus desafios profissionais em nossa sociedade, o que poderia contribuir que pudessem ter condições institucionais de refletir sobre os desafios com os jovens e para promoção de espaços de diálogo.

Ao questionar os jovens sobre que mudanças fariam na escola onde estudam para torná-la melhor, pudemos perceber, entre os problemas apontados, que a relação de contraste entre as realidades manhã e da noite se apresenta de uma forma praticamente traumática para um dos jovens.

Eu já tive a oportunidade de estudar de manhã e agora estou à noite. Eu acho que o ensino da noite é péssimo! [...] Eu acho que eles só visam as pessoas quererem acabar o ano. Então eu acho que deveria ter um esforço a mais... *“Ah! Mas trabalha!”* Sim, mas tem que fazer! Tem que pegar no pé! Então eu acho que uma das coisas que eu mudaria era forma de ensinar aqui à noite. Porque é muito fraco! (Vinícius, 19 anos, noturno)

A visão desse jovem de 19 anos, sobre a realidade do ensino noturno, revela a dissonância, fruto da falta de diálogo, entre as práticas pedagógicas e as reais necessidades dos jovens inseridos no ensino médio, especialmente, os que

são alunos da EJA.

O que eu mudaria se pudesse era isso: tem jovens numa mesma turma, que estudam a noite pelo fato de trabalharem... e pegava aquela turma mais velha e fazia turmas diferentes. Pela faixa etária. fazia aquela turma de jovens pra pegar mais pressão e pegava aquela turma que tá há muito tempo sem estudar e ensinava de uma forma diferente, porque junto é muito difícil! A gente quer algo mais! É outro ritmo! Se eu pudesse mudar, too falando à noite, pegava essas pessoas mais velhas e separava! Não por exclusão! Mas pra ensinar mais. (Vinícius, 19 anos, noturno)

É preocupante a aplicação de uma visão homogeneizante na EJA. Os jovens se depararam com uma turma composta por sujeitos de diversas idades, vindos de realidades diversas, com trajetórias escolares diversas, como por exemplo: sujeitos que estão há décadas fora da escola e estão retomando os estudos com bem mais anos de idade. São realidades culturais diferentes e que poderiam ser tratadas pedagogicamente de formas diferentes, ou mesmo, enfrentadas com diálogo entre estes grupos para conseguirem trabalhar com seus diferentes modos de ver o mundo, os estudos, etc. Porém, aparentemente, o sistema educacional ignora essa necessidade e insiste em tratar os alunos, especialmente os da EJA, como uma categoria homogênea.

Além da questão do ensino existe uma diferença marcante entre o ambiente escolar diurno e noturno. A escola pesquisada, no turno matutino, apresenta-se barulhenta na hora do intervalo, com jovens circulando pelo pátio, os grupos nas portas das salas; um quadro considerado normal para uma escola de ensino médio. Paradoxalmente, à noite, há um vazio e a escola é extremamente silenciosa. Diante dessa diferença de ambientes é interessante sabermos que impressão têm os jovens sobre o silêncio e a falta de movimentação observados no turno da noite.

Sabe do que eu sinto falta? Antigamente a Diretora passava de sala em sala dando bom dia. Hoje aparecem na sala [a coordenadora ou a diretora] pra dar aviso. Aí vem "Amanhã não tem aula!" Com a maior satisfação em dizer! Antes não! A Diretora vinha na porta e dizia "bom dia!" se agente respondia fraco ela dizia "Não ouvi! Bom dia!" A gente pensava tipo "poxa eu existo, sabe!" Se a gente tava fora da sala a coordenadora botava a gente pra dentro... Aqui parece um cemitério!

(Arnaldo, 20 anos, noturno)

Esse contraste entre as realidades dos turnos diurno e noturno também é percebido quando observamos a “dimensão do encontro” tratada por Dayrell (1996, p.148), ou seja, a escola como espaço privilegiado para a sociabilidade juvenil. Além da diferença entre as movimentações nos corredores, os jovens apontam, frequentemente, as divergências causadas pelo choque de gerações. Um aspecto da sala de aula que vai além da apreensão de conhecimento, um aspecto que permeia o emocional, que liga sentimentalmente o jovem à “sua” escola. Trata-se dos momentos que constituem as melhores lembranças da experiência escolar, aquelas que todos os que passam por essa experiência carregam para sempre; os momentos lúdicos, até mesmo de leves transgressões, que são inerentes à juventude e que os jovens que passam a estudar nos cursos noturnos, deixam de experimentar, uma vez que, muitas vezes, são minoria numa sala composta por diversas faixas etárias. Ao perguntar a um dos entrevistados se ele sentia falta do “clima” do turno diurno, recebi uma resposta quase emocionada por parte do mesmo:

A conversa é outra [no turno diurno]! É jovem como você é jovem! [...] Se você vem de manhã você vê os meninos correndo aí, maior gritaria, a Diretora entrando nas salas mandando os meninos se calarem... Você vê que aqui [à noite] tem um monte de sala faltando ocupar. Se eu não estivesse trabalhando, eu não vinha pra noite! Tem muita gente que vem pra noite por causa do ensino que é fraco, porque quer passar. Mas eu sinto falta. [...] Aquele negócio. Você tá na sala tem aquele “êêêê!!” que começa lá atrás e todo mundo faz, o professor olha: “o que é isso?”... Aqui eu se eu puxar isso quem vai fazer? Ninguém vai fazer! Como eu falo muito e brinco muito, sempre que eu “tirava uma resenha” todo mundo ria! Hoje se eu falar todo mundo olha pra mim: “*Psiu! Vamo estudar!*” (Vinícius, 19 anos, noturno)

Neste sentido “a invisibilidade imputada pela escola aos jovens ao traduzi-los apenas à condição de alunos contribui para adjetivá-los negativamente sempre que expressem suas identidades através de marcadores culturais próprios desse período da vida” (CARRANO & MARTINS, 2011, p. 53). Os jovens passam ser, ainda mais do que antes, considerados somente como *alunos*, a sua condição de

jovem é ainda mais ignorada, até mesmo censurada, nessa nova realidade.

Entre as experiências gratificantes possibilitadas pela escola, foram apontadas as atividades realizadas enquanto, por ainda não trabalhar, podia estudar no turno matutino. Entre essas atividades, ele destaca as boas lembranças que tem da época em que a escola participava do Tempo Integral

Pronto, tinha o Tempo Integral, que eu achava massa, que eu fazia. Eu vinha de manhã, saía 6h30 de casa chegava 17h, num tava nem aí! Tomava café aqui, almoçava na escola, aí a tarde tinha as escolas de computação, tae-kwon-do, na parte do almoço era uma resenha, tinha a banda da escola... você se distraía! Não era só escrever! (Vinícius, 19 anos, noturno)

Porém os entraves para a consolidação do tempo integral também não passam despercebidos pelos jovens:

O que o Governo quer é que todos os alunos fiquem pra esse Tempo Integral. Tem que ter duas escolas! Uma escola em cima da outra. Porque como é que a quantidade de gente da manhã vai se juntar com a da tarde. E sem contar que.. o governo exige que seja todas aquelas pessoas e manda o dinheiro para comprar três violões. Pra cinquenta pessoas na sala!(Andréa, 17 anos, diurno)

Observa-se, o quanto os jovens estudantes anseiam por momentos que quebrem a rotina das atividades pedagógicas. A ausência de uma aula “interessante”, “dinâmica”, que “prenda a atenção” é apontada pelos participantes desta pesquisa como uma das maiores causas de desestímulo ao ato de estudar.

Porque só lápis e caneta cansa! A gente não vê uma aula diferente. O professor, eu não vejo dizer “*Faz uma roda aí! Vamo fazer um negócio diferente!*” É o ano todinho! Não muda! A gente já sabe como vai ser o começo, o meio e o final. Ele chega, escreve, explica e passa atividade. A gente já sabe! Mas tem professor que a gente diz “*Rapaz, tô cansado.. mas tem aula do fulano... eu vou!*”. Olha que privilégio pra um professor! (Vinícius, 19 anos, noturno)

Sobre o conceito de “aula interessante”, Reis (2012), em sua pesquisa de pós-doutorado, intitulada, “*processos de mobilização e/ou de desmobilização em relação aos estudos para jovens e adultos no Ensino Médio*”, faz uma análise das

representações de jovens alunos os sobre o que consideram uma aula interessante.

Considero que esses modos de aprender valorizados: “aprender como colocar coisas na cabeça” ou como “possibilidade de reflexão para compreender o mundo, os outros e a si mesmos” são construídos pelos sujeitos no confronto entre sua relação com o saber e as atividades vivenciadas pelas práticas privilegiadas pelos docentes na escola. Os estudantes trazem para a escola suas referências, seus saberes e, muitas vezes, esses modos de aprender não dialogam com os saberes como objetos de pensamento apresentados pelos professores na escola.(REIS, 2012a p. 102)

Sendo assim, a aula torna-se interessante quando propicia uma reflexão sobre o que é tido como “certeza” e dialoga com outras formas de compreender o que já é conhecido. O poder de atração da “aula interessante” foi expressado por alguns jovens nos grupos de discussão que afirmaram que o fato de esperarem por uma aula que gostavam os fazia assistir outras aulas, das quais não gostavam.

Às vezes eu trabalho domingo, aí segunda-feira parece que é o dia do descanso, né? Mas tem aula de Física! Eu pego a bicicleta e venho. Não venho pensando na aula de Geografia, mas assisto! Por causa do professor de Física. Se tivesse em cada dia um professor assim, que fizesse algo diferente, a gente não perdia aula. (Vinícius, 19 anos, noturno)

Ao questionar um dos jovens sobre o que ele via de positivo na escola onde estuda, obtive a seguinte resposta:

As pessoas! Que não desistem! Eu mesmo não desisti ainda porque olho ao redor e vejo que tem outros que não desistiram. Já vi gente desistir faltando dois meses pra terminar o ano. E como eu já disse [no grupo de discussão] a aula de Física! É a melhor aula da minha vida! (Arnaldo, 20 anos, noturno)

Os elogios ao professor de Física do turno da noite foram recorrentes. Segundo os alunos, o professor utiliza de diversos recursos criativos para expor os assuntos curriculares, ou mesmo, somente para fugir da “‘chatice’ de uma rotina asfixiante, onde pouca coisa muda” (DAYRELL, 1996, p.152). As “fugas” são

variadas, desde fazer experiências simples para demonstrar o que está sendo tratado na matéria, a pequenos truques de mágica que despertam a curiosidade e a atenção de todos na sala, ou mesmo uma breve parada para contar algum acontecimento de sua vida e logo após retomar o assunto. Percebe-se que são pequenos gestos que ajudam aos alunos que chegam à sala de aula, geralmente esgotados de um dia de trabalho, e que vêm nessas ações o que podemos chamar de *vestígios de humanidade* que “iluminam” o ambiente quase mecanizado no qual, geralmente, a sala de aula é transformada. Percebe-se que o professor de Física, mencionado nesta pesquisa, representa a exceção. Na maioria das demais aulas o que se tem é a mesma atividade repetitiva onde o foco é o “ensino da matéria”, o conteúdo pelo conteúdo, sem maiores esforços de contextualização com a realidade.

Por outro lado, os jovens também expressaram a frustração em perceber que esse saber, nem sempre está em primeiro lugar, como percebemos no seguinte trecho: "Pra mim, à noite, a preocupação de alguns professores não é ensinar ao aluno, é fechar caderneta! Porque tem que fechar a caderneta tal dia. Quem aprendeu aprendeu..." (Vinícius, 19 anos, noturno) Isso é um reflexo da realidade do sistema educacional público de Alagoas; um sistema que sofre com a falta de professores e com o atrelamento às metas estabelecidas pelo Governo Federal. Essa realidade se traduz nas salas de aula, nas quais os docentes que chegam à metade do ano letivo, para assumir disciplinas que antes estavam sem professor, precisam cumprir o calendário e fechar as notas no mesmo prazo das disciplinas lecionadas desde o início do ano letivo. Os professores fazem o que podem para se adequar ao sistema, porém, além dos prejuízos no conteúdo ao qual os estudantes deveriam ter acesso, isso gera a revolta dos alunos por perceberem que sua educação é tratada de forma meramente quantitativa.

Muitos alunos comentam que no fundamental não teve todos os professores. Aí como é que a gente se sente, chegando um professor, a gente chega no 3º ano um professor diz o do 9º ano é melhor que vocês, mas ele nunca parou pra pensar se a gente teve esse assunto ou não eles não querem saber. (Cíntia, 19 anos, diurno)

Nesse aspecto, Dayrell afirma que “a relação dos jovens pobres com a escola expressa uma nova forma de desigualdade social, que implica o esgotamento das possibilidades de mobilidade social para grandes parcelas da população e novas formas de dominação” (DAYRELL, 2007, p. 1122). E foi essa a triste impressão que tivemos no decorrer desta pesquisa e que precisamos registrar aqui: o sistema público educacional parece estar “sabotando” alguns jovens. Quando ouvimos a seguinte “confissão”: “É pelo certificado mesmo! Porque aprender a gente não tá aprendendo nada! Porque a gente tem aula dois dias na semana... aula não, tem um texto, trabalhinho e pronto!” (Val, 24 anos, noturno), percebemos que alguns já desistiram de obter qualquer benefício através da escola e seu único objetivo agora é o certificado do Ensino Médio e o encerramento dessa etapa “agonizante” – por mais dramática que essa palavra possa parecer.

Segundo os jovens, alguns professores não demonstram nenhum interesse em incentivá-los em sua experiência escolar. Os participantes dos dois grupos, diurno e noturno, queixaram-se do tratamento que recebiam de alguns professores. Segundo eles, os docentes, não os estimulam a melhorar, ao invés disso, contribuem para a diminuição do interesse pelo estudo e prejudicam a autoestima dos jovens. Trechos como: “ele disse: “sinto muito se estou ofendendo vocês, mas é a verdade: os presidiários são bem melhores que vocês” *Fernanda* (17 anos, diurno); e “quando a gente falou que queria tempo pra estudar pro ENEM ele disse: “vocês não vão passar não! O terceiro ano do ano passado veio com essa mesma desculpinha também... acham que vocês vão passar?” Aí quer o que?” (*Fernanda*, 17 anos, diurno) São expressões que mostram a falta de respeito e o descaso demonstrado nas atitudes de alguns professores que reforçam o argumento de que é preciso repensar a escola em sua relação com as juventudes, pois “se antes a autoridade do professor era legitimada pelo papel que ocupava, constituindo-se no principal ator nas visões clássicas de socialização, atualmente é o professor que precisa construir sua própria legitimidade entre os

jovens”. (DAYRELL, 2007, p. 1121).

Observa-se também uma tendência em atribuir aos jovens a responsabilidade pelo seu sucesso ou fracasso, como reflexo disso, percebe-se por parte de alguns jovens uma tendência em assumir para si essa responsabilidade. "A estrutura é péssima? É! O Governo é desleixado? É! Mas se nós nos esforçarmos, não importa o estado da escola, nós vamos conseguir! (Sílvio, 18 anos, diurno). Diante de toda a falta de estrutura do sistema educacional, vemos alguns jovens lutando com o que podem para alcançar seus objetivos, enquanto são assombrados pela possibilidade de insucesso nos estudos e, conseqüentemente, na vida. Com todas essas dificuldades, que são particularmente agravadas nos cursos noturnos, é interessante sabermos o que representa a escola para esses jovens. Que importância a escola tem na trajetória de vida de cada um deles.

Educação é tudo, né? Sem ela a gente não chega em lugar nenhum não. Uma coisa que seguiu você desde que você se entendeu de gente, guiou você pela sua infância, adolescência, juventude e vai seguir você pelo resto da sua vida se você quiser... é porque é uma coisa muito importante, né não? E é assim: quanto mais você quer mais tem! (Vinícius, 19 anos, noturno)

É significativa a ideia de que “quanto mais você quer mais tem”, o que enfatiza a algo já apresentado por outros jovens participantes desta pesquisa: a tendência em assumir uma postura quase autodidata para suprir as carências de um sistema público de ensino deficiente. Como afirma Dayrell, "parece que o que é aprendido, neste nível, o é individualmente, sem uma intencionalidade, por parte dos professores ou da escola" (DAYRELL, 1996, p. 158), uma vez que aparentemente, não há uma intencionalidade no desenvolvimento das habilidades básicas necessárias ao processo de construção de conhecimentos, o que naquilo que seria uma das funções centrais da escola. Sendo assim, os jovens alunos que conseguem encontrar a via para aquisição de um conhecimento gratificante e realmente significativo o fazem utilizando seus próprios esforços e “garimpando” onde podem as mais variadas fontes de saber.

"O conhecimento é tudo! A escola pública precisa melhorar em muitas coisas, a educação... mas se eu sei ler, se eu sei escrever, foi pela escola pública! Se eu sei fazer meu nome, foi a escola pública! (Vinícius, 19 anos, noturno) Nessa fala, percebemos que, apesar da consciência de que a escola está longe de atender suas expectativas e reais necessidades, é possível perceber nos jovens demonstrações de gratidão e reconhecimento da importância da escola para seu desenvolvimento pessoal.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos grupos de discussão e nas entrevistas, foi possível observar diversos aspectos, possibilitando reflexões sobre as condições juvenis dos sujeitos e suas relações com a experiência escolar.

Um aspecto que podemos destacar é que a experiência na escola contribui de forma positiva ou negativa para a construção identitária destes jovens. Entre os aspectos mais significativos, pode-se enfatizar o contraste entre as realidades dos turnos diurno e noturno; a desvalorização por parte dos docentes principalmente em relação aos jovens do noturno; a busca por um conhecimento realmente significativo, que gere um reconhecimento gratificante de todo o esforço realizado e uma identificação da necessidade dos estudos e, portanto, de que, com todas as dificuldades, vale à pena estudar.

Nesse contexto, a relação entre professores e alunos apresentou-se marcante nas discussões realizadas. É inegável, com base nas falas dos sujeitos pesquisados, a importância do professor, em seu papel de incentivador ou de repressor, de facilitador ou destruidor das possibilidades de sucesso dos jovens em sua trajetória escolar, e até mesmo pessoal, uma vez que é preciso considerar o jovem estudante, além da condição de aluno, em sua dimensão humana total, como sujeito sociocultural, em sua diversidade de culturas e de identidades. Estes jovens criticam a distância que se estabelece entre as práticas escolares e suas

referências culturais e reivindicam uma escolarização que os reconheça como sujeitos, que dialogue com seus modos de expressão, que tenha sentido para ampliar sua compreensão do mundo, suas oportunidades nesta sociedade excludente, como também como espaço para viver suas juventudes.

Ao apresentar estes aspectos, pretende-se, não somente contribuir com os estudos sobre as juventudes, ou com raros estudos sobre os jovens em Alagoas, mas principalmente, contribuir para a compreensão das identidades juvenis alagoanas e como esses jovens têm conseguido vivenciar sua condição juvenil dentro do cenário de dificuldades que se apresentam nas escolas públicas de ensino médio.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the testimonies of young students from a public high school in Maceió, about his relationship with the teachers, the influence of teacher action in the possibilities of success or failure in their educational and personal trajectory, in its diversity of cultures and identities. Focuses on issues identified in a survey of young people graduating with Masters held - high school students, the daytime and nighttime, a public school, located in the suburbs of Maceió, Alagoas. To the issues addressed in this article we present the analysis of results from two search procedures: group discussions and semi-structured individual interviews. We try to interpret the views of these young people, registering representations expressed by each of them and relating to the theoretical precepts used by CARRANO (2011 ), DAYRELL (2007, 1996), KRAWCZYK (2003 ), Menezes ( 2001), RAMOS DO Ó (2007 ), Reis (2012 , 2012a ) and Veiga - Neto (2003 ). Identified that they demand to be recognized beyond the student's condition, in its human dimension in its entirety, as socio-cultural subjects.

Keywords: youth, youth culture, high school

## REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Flávio Antônio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MARTINS, Carlos Henrique dos Santos. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. In **Educação**. Santa

Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr. 2011.

DAYRELL, Juarez. **A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil.** Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>

\_\_\_\_\_. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez. (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996. p. 136-178.

KRAWCZYK, Nora Rut. A escola média: um espaço sem consenso. **Cadernos de Pesquisa**, n. 120, p. 169-202, novembro/ 2003.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

MENEZES, Luís Carlos. O *novo público* e a nova natureza do *ensino médio.* **Estudos avançados**, São Paulo: USP, v. 15, n. 42, p. 201-208, maio/ago. 2001.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; CANDAU, Vera Maria. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, p. 156-168, Maio/Jun/Jul/Ago, 2003, nº 23.

PEREZ GÓMEZ, A. I. **A Cultura na sociedade neoliberal.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

RAMOS DO Ó, Jorge. Entrevista realizada por Francisco Eboli com RAMOS DO Ó, Jorge e COSTA, Marisa Vorraber. Desafios da escola contemporânea: um diálogo. **Revista Educação e Realidade**, p.1009-116, nº 32(2), jul. – dez., 2007.

REIS, Rosemeire. Processos de mobilização e/ou de desmobilização em relação aos estudos para jovens e adultos no Ensino Médio. 104p. **Pós-Doutorado em Educação.** Faculdade de Educação. Universidade Federal de Sergipe, 2012a.

REIS, Rosemeire. Jovens e adultos no Ensino Médio: aspectos constitutivos da vida e relação com os estudos. In: SANTOS, J. M. C. T. (Org.). **Ensino Médio: políticas, docências, inclusão e cotidiano escolar.** Paraná: CRV, 2012

SOUZA, Emanuelle de Oliveira. O que é ser jovem, aluno e alagoano? **O QUE É SER JOVEM... ALUNO... E ALAGOANO? Estudo sobre referências culturais e identidades juvenis na escola média.** 135p. Mestrado em Educação. Programa de Pós Graduação em Educação, CEDU, UFAL, 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação, **Revista Brasileira de Educação**, nº23, maio-(ago, p.5-15, 2003).